

Guilherme de Castilho

VIDA E OBRA
DE RAUL BRANDÃO



temas portugueses

«HÁ QUE TEMPOS!»

Foi na Foz do Douro, a 12 de Março de 1867, que nasceu Raul Brandão¹. E aí, nessa terra onde rio e mar se juntam, há-de decorrer a infância, a mocidade e a adolescência do escritor.

Filho e neto de homens do mar, o mar será também para ele um apelo sempre presente, a que amorosamente corresponde, desvendando o segredo das suas cores, retratando em corpo e alma a gente humilde que dele vive.

O avô, velho lobo do mar que num dia de temporal desapareceu «com toda a tripulação do seu brigue», é um ponto longínquo a diluir-se na memória do escritor. A avó e a tia Iria são figuras já sem vida, velhas imagens estampadas no fundo da sua lembrança: duas saias de cor adejando no estrado da sala da frente com um livro pousado no regaço.

Em torno destes vultos, só sombras quase delidas, ecos que a distância tornou imprecisos.

A casa onde nasceu e viveu os primeiros anos da vida, na Cantareira, é que se lhe representa em recorte bem nítido na penumbra indecisa do passado. A emoção com que recorda aumenta em relevo e nitidez as imagens que os anos e a vida nunca conseguiram apagar.

Há cores, sons, figuras que estão nele tão vivas e reais como se os anos não tivessem passado: a mancha azul-ferrete das hidrângeas no pequenino jardim em frente ao mar; os passos do pai ao chegar da rua; a voz estremunhada do moço, ao primeiro livor da manhã, chamando os homens da companhia: — «Oh sê Manel cá pra baixo pr'ó mar!»

O som do fio de água azul a escorrer da fonte do jardim ficou ligado à imagem da mãe: no silêncio profundo da noite aquele murmúrio de líquida frescura é um embalo apaziguador para a

criança inquieta; mas ela — a mãe — no quarto ao lado, de ouvido atento, adormece no receio de que aquela voz de súbito se cale, estrangulada pelos prolongados calores do Estio.

Quanto sonharam juntos! Ele senta-se ao pé dela e são horas esquecidas de comunhão inefável. Às vezes, depois de uma corrida estouvada pelo quintal, vem direito ao banco de pedra onde ela repousa e com a cabeça encostada ao seu colo desata em soluços. A mão que ao de leve sente a acarinhar-lhe os cabelos é sempre o bálsamo eficaz para a sua excitação, até que os soluços se perdem num choro cada vez mais baixinho e apaziguado...

Certo dia ela conta-lhe a história daquele pobre que entrava sem que o chamassem pela porta dos desgraçados e se sentava com eles à beira do lume. — «Assim andava o Senhor pelo mundo!...», dizia. E os seus olhos toldavam-se de uma névoa a desfazer-se em tristeza...

A mestra era na Foz Velha, ao cimo da ladeira. À escola liga-se a recordação do dedo nodoso da Mari'Emília, a que se apegava a sua mão de criança. De todos os fantasmas desse tempo, ao lado do da mãe, é este, o da velha criada, um dos mais vivos na sua lembrança. Ela lhe ensinou coisas belas e simples na sua linguagem de amor e de ternura.

A escola, essa, é um outro mundo onde em breve se perde a imagem da mãe, a lembrança dos quatro palmos do quintal, a ternura da velha criada: primeiros passos para a contemplação dos mistérios da vida, olhos atónitos para o espectáculo maravilhoso que se lhe depara. Um mundo que começa ao sair dos portões das senhoras Militoas e, correndo pela Corguinha abaixo, só finda quando, já noitinha, regressa a casa extenuado, com os bolsos cheios de rãs e os olhos deslumbrados de luz.

Heróis desta aventura: dois ou três companheiros que lhe seguem os passos, irmanados no mesmo deslumbramento — o Nel, de camisola azul, em cabelo, com as pupilas incendiadas de entusiasmo; o Manuel Barbeiro, perito em armadilhas aos pardais, e mais dois ou três, negros e ferozes, com marcas de pedradas no coiro cabeludo...

A caça às feras no canavial indiano perde em risco e em emoção em face da caça aos pardais, com a palheira besuntada de visco, na poça do Monte, não longe de casa. Passo ainda mais arriscado é a exploração da «floresta» do Laje, que, não obstante os seus «seis pinheiros e seis palmos», se apresenta aos olhos infantis mais misteriosa e impenetrável do que a floresta amazónica.

Tudo, pouco a pouco, vai sendo desvendado. E cada nova descoberta, longe de matar o mistério e o apelo da novidade, é outrossim motivo de novo chamamento, de novas explorações cada vez mais vastas e deslumbrantes.

O mar vem a seu tempo: um remo, uma vela, o coração que bate mais forte e mais acelerado e lá vai ele no alto desse maravilhoso seio a arfar, boiando entre espuma e salpicos azuis. Depois é o Bilé, o Mandum, o Manel Arrais, que pela primeira vez o levam na lancha paterna à pesca do largo. Na serração da noite só uma luzinha à proa põe um sinal de vida na imensidão sem contornos. E de madrugada, quando a luz é apenas poalha cinzenta a cair no verde das águas, é o içar das redes que vêm ao de cima cheias de algas e de peixes, estivando de prata o fundo da embarcação. Na volta, à vela panda, aparece primeiro o farolim, depois Carreiros e por último um ponto longínquo branquejando no areal — o Senhor da Pedra. E chega-se à barra. É um rio barrento a perder-se no abismo das ondas. As mulheres, de perna nua, correm à praia na espera ansiosa dos que andam sobre as águas do mar. O *Vai com Deus*, o *Senhora da Ajuda*, o *Deus te Guarde*, vêm também varando com os homens de barrete na mão a entoarem o *bendito...*

Da escola particular das senhoras Militoas passa para o Colégio de S. Carlos, que ficava na Rua de Fernandes Tomás.

Desse lugar e dessa época data o seu primeiro encontro com a vida — uma vida que começa a pressentir não ser já feita à imagem e semelhança dos seus sonhos infantis. «Foi ali que principiiei a estragar os meus nervos e a amargar a vida.» «Há quem tenha saudades do colégio: eu sonho às vezes com ele e acordo sempre passado de terror...», há-de mais tarde reconhecer o escritor no seu balanço de fim de vida. Não poderá mais, ao longo de toda a existência, esquecer o intenso sentimento de terror que lhe infunde na alma a lembrança do velho casarão portuense povoado de mestres broncos e maus, de gente grosseira ou estúpida, de uma heteróclita fauna humana onde não há lugar para almas sensíveis e espíritos ávidos de verdadeiro saber.

Na sua lembrança destaca-se «um homem atarracado e grosso» que passeia entre as carteiras, de palmatória entalada no cano da bota, espalhando o pânico entre as crianças.

— 8 x 7?, interroga o monstro, com vozeirão de estarrecer. E em menos de um ai-jesus — «adiante!, adiante» — é a classe

inteira posta em fila e corrida a bolaria de criar bicho. Levam todos: os que não tinham sabido ou tido tempo de responder e os que tinham acertado, estes para se não esquecerem... «O mestre — o Aragão — não era mau, era estúpido. Tinha nascido para cavar as vinhas do Alto Douro — e acabou director de colégio...»

O insulto, a chufa, eram moeda corrente na coerência deste sistema pedagógico: — Cabeça de Vitelo, Zé Bezerra, Cabeça de Burro...

O Dantas, mestre de latim, não era menos pródigo em epítetos deste jaez. Quando a classe não chegava à afinação em que a queria, descarregava, furibundo, em «bramidos que se ouviam no Bulhão»: — «Bacamartes, pistolas e navalhas! Cabeça de burro ou calhamaço, à tua escolha...»

Neste «mundo atroz e brutal» da Rua de Fernandes Tomás, quanto a estudantes, havia de tudo: «homens de barba até ao umbigo, que estudavam as primeiras letras, garotos e brasileiros desterrados e friorentos. Desciam da serra sacripantas brutais cheirando a caldo e a boroa e saíam da Rua da Soveia figuras mal amanhadas, ainda em bloco, para os professores desbastarem.»

Este, o primeiro contacto com a vida, com a humanidade vária e estranha, feita de dureza, de egoísmo, de maldade; o primeiro contacto com a «mixórdia», o empurrão inicial para o plano redentor do «sonho».

De sonho foi já o seu primeiro amor de rapazinho, espigado, loiro e inocente — o pernalta — amor «por uma sombra que sorriu e passou» em forma e figura de uma padeirinha de Avintes que todas as manhãs, de canastra à cabeça, sangue a espirrar-lhe das faces, sorriso tímido à flor dos lábios, cruzava os seus passos com os dele. «Falar, falávamos pouco, porque não sabíamos o que dizer. Metia-me num portal e procurava dar-lhe beijos: ela repelia-me.»

Até que uma manhã, incitado pelos camaradas — «Lá vem a padeirinha, ó pernalta! — Larga o osso!» —, decidiu faltar à aula do Luso, que no colégio os iniciava nos mistérios da geografia, para provar que os seus treze anos ingénuos já eram capazes de outros passos mais arriscados do que os que o levavam à porta do colégio. «Eu espreitava da tendinha, à esquina, fumando os primeiros cigarros para parecer um homem, que ela assomasse à Rua de Malmerendas. [...] Era ela — decididamente faltava à aula do Luso — com a canastra, fingindo que me não via. Lá se metia no portal — lá me metia eu no portal e a cena repetia-se todos os dias. Nos dois havia a mesma inocência e candura. Ela

fingia que tocava a campainha da porta interior e esperava por mim que tentava beijá-la, encontrando sempre o cesto entre a minha boca e a sua boca. Nem um pensamento grosseiro, nem sequer um mau pensamento. Era um jogo — um jogo e nada mais.»

Mas um dia o jogo não obedeceu às regras habituais: «Depois de dois ou três passes com a canastra, a padeirinha quedou-se, baixou os olhos e esperou. Esperou o quê?!... Ó, meu Deus, aquilo não era do jogo! Fiquei assombrado, fiquei gelado, e deitei a fugir pela rua abaixo, cheio de vergonha e de alvoroço...»

APRENDIZ DE NEFELIBATA

A lembrança do Colégio de S. Carlos vai ficando para trás na sequência evocativa das suas memórias. Uma época maravilhosa lhe toma o lugar: aquela em que descobre não já o mundo exterior, mas «o mundo mais vasto do espírito». Um alvoroço irreprimível põe em sobressalto o coração e o espírito do adolescente; diante dos olhos ávidos, um mundo belo e ignorado lhe oferece os seus segredos. Cada passo dentro desse universo é uma descoberta surpreendente, um êxtase sempre renovado, um acto de fé sincero e entusiástico. Nessa época os amigos são um pedaço da nossa alma. É na companhia de alguns deles que Raul Brandão adolescente se lança na grande aventura. Ronda ainda ao largo o «fantasma» com que há-de discutir até à morte e o obrigará a ir, pelo seu pé, ao limite em que o mistério se adensa numa barreira de treva impenetrável. Por agora, a vida representa para ele apenas um momento de pura disponibilidade expectante em que se ensaiam todas as rotas, se fazem nossos, como descoberta em primeira mão, os caminhos que outros abriram antes de nós. O império da moda, a ocasional, a irresistível sedução do estilo dominante da época, em breve se insinua no plano da arte e da vida. E Raul Brandão, como outros, pagará o seu tributo, em escritos da mocidade, a essa época de encruzilhada. Será breve, porém, o seu percurso pela estrada de Damasco. O raio do Apóstolo há-de daí a pouco deparar-se-lhe em configuração de «fantasma», obrigando-o a deixar a cómoda estrada real e a embrenhar-se pelos mais ínvios e ásperos caminhos que levam a descobertas, a espantos nunca até aí suspeitados.

Por agora, aonde o conduzem os seus passos? Tão-somente a Leça e ao Camanho, que é como quem diz: ao ninho dos *poetas* e ao antro fumarento dos *nefelibatas*.

O centro do mundo desloca-se da Cantareira, na Foz Velha, para um barco no Rio Doce e a capital das ideias assenta os seus arraiais no velho café portuense.

Leça, nesse tempo, recorda-o Raul Brandão, era «uma terra à parte no mundo; de ingleses velhos, marítimos e poetas. De quando em quando, das casas que nunca se abriam, com degraus de pedra desmantelados, nas ruas silenciosas e geladas, saía uma *miss* toda vestida de branco. E logo a porta se fechava para sempre — e Leça envolvia-se na poeira do mar e em melancolia, absorta no charco onde se reflectiam as casas e os barcos, e os crepúsculos doirados e verdes, que tanto custam a morrer: fica sempre, até noite velha, um risco escarlate no céu. Defendia-a do inimigo, dos piratas e corsários, um velho forte barrigudo e inútil, com a boca das peças fingidas a vermelhão nas seteiras, e tinha quintais adormecidos — a praia atormentada entre penedos...»

É a época em que no plano da convivência se vai direito àqueles que adivinhamos nossos irmãos na ânsia da descoberta, no mesmo oculto propósito de superar o que a vida tem de mesquinho e de indigno de ser vivido.

António Nobre, Alberto de Oliveira, Justino de Montalvão e outros jovens aprendizes das letras têm o seu quartel-general num barco a boiar nas águas verdes de um rio de écloga pastoril. É para lá que Raul Brandão se dirige e é lá, no barco, no rio, nas areias das margens, nos rochedos do mar, que vai fazer o seu estágio de sonho, de «banhos em pelote», de poesia...

O futuro autor do *Só*, exactamente da sua idade, é, de todos, o que mais o impressiona, com os seus «olhos como estrelas», de camisola branca como os poveiros, «insolente como um príncipe e adorável como uma criança».

Antes de mais, logo o poeta lhe pergunta se tinha uma Bíblia que lhe desse.

— Para que quer Você a Bíblia?

— Para deitar a cabeça quando for no caixão.

«Era um príncipe. Era uma flor delicada. Tinha nascido aristocrata e infantil. Sentíamo-lo um ser à parte: extraordinário, artificial e sincero ao mesmo tempo. [...] Uma maneira de dizer singular e dois grandes olhos límpidos a iluminar-lhe as palavras... Até os seus punhos, com abotoaduras de velhos pregos, e a sua gravata exalavam a ironia e o despeito. Era um tipo original, criado pelo ar e pelos poentes, para falar com poveiros, viver em Leça, sonhar, fazer versos e ser desgraçado.»

Alberto de Oliveira, «esperto e dominador», impressionava-o pelo seu ascendente sobre Nobre e sobre os outros; quando entrava na casa de algum amigo «começava por o convencer a desarrumar os móveis, para os arrumar de novo a seu modo».

Justino era o pagão do grupo. Ou caía na água como uma rã ou passava os dias a sentir com delícia o afago do sol na sua pele morena de transmontano.

É ainda de Raul Brandão o breve quadro impressionista que nos dá todo o encanto e pitoresco deste convívio juvenil: «A gente entranha-se na verdura cheia de fios doirados. Abicava na torreira do sol na quinta da Conceição — vastos campos de milho loiro, regado e húmido — e já se avistava a pontezinha de tábuas. Passava-se por baixo. Um sítio impenetrável. Água parada e quase negra, decompondo-se nos fundos, com um fio de azeite a escorrer à tona, ou cor de cobre e a deslizar lentamente em superfícies, movendo-se umas sobre as outras, cheias de extravagantes bichos — os *alfaiates* — que passeiam por cima, à vontade. Sítios de recolhimento e penumbra, donde se sai de repente para a luz — para o sol ou para outro pedaço ainda mais fechado e com areias a reluzir. — Para cima ninguém passe! Andam lá os Montalvões nus! — preveniam os barqueiros.

E andavam. Lia, dormia o Justino e caía na água como as rãs. Era ali o seu domicílio; ali recebia os amigos, naquele ponto mais largo, um pouco abaixo do açude onde as lavadeiras todo o dia cantavam ao sol. Do fundo do barco o Justino ou o Nobre atiravam-lhes uma quadra, a que elas respondiam logo, batendo a roupa. Alarido. Risadas. Depois outra vez o silêncio, o sol caindo às chapadas sobre a água, que mal se vê correr, um fio de oiro desfeito no fio verde — um livro — o banho... E o Justino adormecia na caverna, de papo para o ar, sonhando a mais bela obra do mundo, enquanto o Nobre fazia versos.»

Despidas as camisolas brancas de poveiro e os sapatos de lona de andar na areia, o segundo acto vai começar com as mesmas personagens mas com outro cenário.

Praça Nova. Noite de Inverno — de um Inverno chuvoso como só os há no Porto — na sala escura do Café Camanho. À boca da cena, abancados a uma esguia mesa de tampo de mármore, Nobre, Justino, Raul Brandão, Hamilton de Araújo e alguns mais. Noutras, vultos de jovens literatos discutindo, bebendo, fumando. Num canto mal iluminado, ao fundo, o pesado Bruno e o fino Basílio Teles, com o seu inseparável gabinardo e a barba arrepeçada. Adivinha-se que discutem altos problemas políticos.

Entre a *jeunesse dorée* — como então dizia o burguês compassivo do Porto — há sempre algazarra e discussões literárias suscitadas pelas novas ideias — novas em Portugal — dos simbolistas e dos decadentistas.

Que Raul Brandão é um dos fiéis do novo credo, nesses tempos de juventude boémia e descuidada, é testemunho o opúsculo sério-humorístico, *Os Nefelibatas*, que redigiu de colaboração com alguns amigos.

A forja desse manifesto revelador de orgias demoníacas, supostamente perpetradas por um grupo de artistas requintados, era o *atelier* do pintor Inácio de Pinho, boémio e rico filho-família, onde por vezes acabava a noite o grupo dos literatos do Camanho. Era uma água-furtada na ferrugenta Rua do Almada, para onde se subia por uma interminável escada atulhada de montões de coisas indistintas: pregos, fechaduras, grossas correntes... Mas lá, no alto, o mundo era outro. Não, por certo, o das práticas macabras de que o folheto nos dá conta — que esse era só para constar fora de portas — mas de camaradagem franca e despreocupada, de fantasia boémia, de conceitos e paradoxos sobre arte e literatura. A sala de reuniões era vasta e nas paredes havia panóplias de armas reluzentes, pratos hispano-árabes, gravuras de preço, quadros antigos; no chão, um belo tapete de Arraiolos; por cima dos contadores, preciosas porcelanas orientais — tudo mostrando a abastança do pai do Pinho e o gosto cultivado do filho artista.

Numa saleta contígua, o piano esperava as horas cinzentas do alvorecer para despertar os ferrageiros espavoridos das vizinhanças com o «coro dos punhais», dos *Huguenotes*, ou a *Marcha Fúnebre* de Chopin, cantada em coro por um orfeão improvisado.

Se algum retardatário batia à porta, o Pinho, do alto da janela, atirava para o negrume da noite os versos solenes de Eugénio de Castro:

*Quem é o ousado que por horas mortas
A bater se atreve às minhas férreas portas?...*

A retirada, por vezes era já manhã clara, só começava quando se via mesmo que o sono e o cansaço não indicavam outra solução senão o caminho da casa paterna debaixo da chuva miudinha da madrugada portuense.

«VIDA MILITAR»

Mas a vida não é só vivê-la nesta senda de sonhos e fantasias juvenis, senão que impõe restrições e constrangimentos, preparação adequada em armas de defesa contra os seus imprevistos e ciladas. Entrar no jogo é igual a participar numa batalha onde a sobrevivência se condiciona aos trunfos de ataque e de defesa que para ela se levam.

Nesta altura, não imaginava ainda Raul Brandão quão forte viria a ser a sua capacidade de sonho e de evasão desse jogo para se poder ter dado conta da pouca importância que para ele haviam de vir a ter esses meios de defesa.

No entanto, por mínimos que sejam — ou que viessem a ser na sua vida —, indispensável seria, e indispensável foi, que o jovem nefelibata tivesse, a certa altura, de pensar em como obter o pão nosso de cada dia, uma vez que os livros e a colaboração acidental em revistas e periódicos se mostravam tão fracos em proventos que o viver deles — se alguma vez nisso pensou, o que não cremos — seria sinónimo de fome e de miséria.

Uma meteórica passagem, como ouvinte, pelo Curso Superior de Letras, em 1888, faz supor que Raul Brandão ainda tivesse pensado em seguir a chamada «carreira das letras», então enobrecida pelo prestígio daquela instituição cultural, aureolada pela fama dos seus mestres unanimemente respeitados.

Se tal desígnio alguma vez existiu no seu espírito, em breve foi posto de parte.

É de 23 de Outubro de 1891 — tinha Raul Brandão portanto 24 anos — o requerimento de matrícula à Escola do Exército. Para a burocracia militar, o jovem escritor passa a ser um mero número — o 185 —, uma patente — primeiro-sargento graduado —, aspirante a oficial — uma ficha sinalética no livro de «assen-

tamentos e registos», de onde a trasladamos: «Altura, 1,85; olhos-azuis; nariz-grande; cabelo-castanho; barba-loura; sinais particulares — um sinal na extremidade de cada orelha.»

A perplexidade, se não a estupefacção, é o sentimento que experimentará hoje quem, familiarizado com a personalidade e a obra do autor do *Húmus*, considere esta sua determinação de ter abraçado a carreira das armas. Realmente, não será fácil encontrar desconformidade mais manifesta entre um modo de vida escolhido e a personalidade que o escolhe.

Um amigo da juventude do escritor esclarece da seguinte maneira este ponto da sua biografia: «Muitas vezes me confidenciou com certa tristeza encontrar-se deslocado na carreira que abraçara mas que seguira por vontade do pai, e para não desgostar a mãe.»

Este esclarecimento coincide, de resto, com o que Aquilino havia já tornado público na sua linguagem viva e pitoresca, talvez informado pelo próprio Raul Brandão, de quem fora amigo. Segundo o autor de *O Malhadinhas*, seria a mãe do escritor que teria gostado «de ver o seu menino fardado, taful, cintadinho em correias de anta, pigado pelas carochinhas das janelas...»

No entanto, a encurtar um pouco a distância desta desconformidade, há uma importante circunstância que devemos ter presente: é que, naqueles tempos de paz podre, na miséria doirada da «espada a rasto», esta — a espada —, na maioria dos casos, era apenas insígnia decorativa. A caneta e o tinteiro da burocracia militar foram a solução prática, no caso de Raul Brandão, para obviar os inconvenientes da sua ausência de inclinação marcial.

À parte algum tempo de quartel, toda a vida de oficial a passou ele, praticamente, segundo consta da sua folha de serviço, escretu-rando papelada burocrática numa ou noutra repartição do então Ministério da Guerra.

As fotografias que no-lo mostram fardado de oficial do exército dizem bem como tudo nele repelia o aparato vistoso e severo da indumentária que veste. Nem sequer se pode dizer que nos aparece nelas com o aspecto cómico e carnavalesco de quem se disfarça; o seu semblante é mais de quem se envergonha, de quem pede desculpa... Isto — e o resto: a sua visceral oposição ao que fundamentalmente caracteriza a carreira das armas — há-de mais tarde o escritor exprimi-lo por meios mais directos e explícitos do que pela atitude comprometida que podemos surpreender na sua fotografia de oficial.

Nas *Memórias*, deixou alguns instantâneos indeléveis que focam, com o seu extraordinário poder de captar o pormenor significativo,

essa sua existência de militar *à contre-coeur*. «Durante o tempo que fui tropa, vivi sempre enrascado, como se diz em calão militar. Tudo me metia medo, os homens aos berros que ecoavam no quartel (era o Cibrão na secretaria); castigo para um lado, castigo para o outro; e as coisas negras, feias, agressivas, a parada, a caserna, as retretes. Levo para a cova a imagem daquelas retretes, como uma das coisas mais infames que conheci na vida. O inferno deve ser uma retrete de soldado em ponto maior...

O Cibrão tinha esta ideia da tropa: — Na forma ninguém mexe nem com a ponta do nariz; quando um soldado levanta uma perna, todos os soldados, ao mesmo tempo, levantam a mesma perna com precisão mecânica. Era um exército de relojoaria inútil, com alguns oficiais modestos e pobres soldados bisonhos, que atravessavam o quartel sem entenderem nada, como eu, e, como eu, aterrados. — Às armas! — era o Cibrão que entrava e tudo tremia nos seus fundamentos.»

O primeiro contacto com o ambiente militar da Escola do Exército logo lhe põe à mostra a inutilidade das matérias professadas, ou, antes, da maneira com eram professadas. «Na Escola do Exército ensinavam no meu tempo coisas inúteis que me deram mais trabalho a esquecer que a aprender. Pólvoras — e não havia um gabinete de química; fortificações pelos livros, fórmulas pela sebenta, prelecções pelos lentes — e pouco mais.»

A disciplina era mantida pelo terror, mas quando esta afrouxava a corda retesada distendia-se e os desmandos estavam à vista. Um dos mestres, por alcunha o «Peru», «um pobre coronel de engenharia», até milho tivera, lançado por mão atrevida do alto do anfiteatro...

Apesar de tudo, não devem ter sido muito absorventes, em matéria de tempo e de aplicação ao estudo, a assistência e as obrigações escolares do jovem cadete: é nesta altura que praticamente começa — e com apreciável fecundidade — a sua actividade de jornalista, em que há-de perseverar grande parte da sua vida, como ele próprio, nos últimos anos, virá a confirmar: «Trabalhei sempre nos jornais.»

Deste período, data também a sua colaboração, de parceria com Júlio Brandão, no volume *Vida de Santos*, onde o futuro autor do *Húmus*, a troco de alguns cobres que suprissem a magreza do soldo, se esforçou por redigir um *pastiche* incolor e dulçoroso a rivalizar com as narrativas devotas do *Flos Sanctorum*.

É n' *O Imparcial* que Raul Brandão inicia praticamente a sua carreira jornalística e, por sinal, por forma a poder ter tido conse-

quências bem pouco agradáveis para o militar-estudante que ele era nessa altura. Um breve relato desse episódio, que afortunadamente não teve as consequências que Raul Brandão receou, é-nos narrado por um seu camarada dessa época: «Em 1892 foi publicada uma reforma da Escola que não agradou aos alunos de engenharia e artilharia. Os repastos na nossa pensão, onde comiam alunos de todas as armas, começaram a animar-se de grandes discussões pró e contra a reforma. B. fez a sua defesa num belo artigo n' *O Imparcial*, retorquindo-lhe o *Correio da Noite*, órgão do Partido Progressista, em artigo também sem assinatura... Este expunha razões e argumentos por maneira tal que supusemos ser da autoria de algum dos nossos comensais.

Raul Brandão fez demorar a resposta estabelecendo-se entre os dois jornais uma acirrada polémica, correcta, é certo, mas a que não faltava vivacidade.

O articulista do *Correio da Noite*, em dada altura, rompeu o anonimato declarando que pelo tom que a discussão ia tomando era tempo de se saber quem eram os contendores. Ele era o capitão de engenharia Dias Costa, lente da E. do Exército. Nada mais, nada menos do que um dos nossos professores mais ríspidos e autoritários.»

Os dois qualificativos empregados pelo autor do relato são plenamente corroborados pelo próprio Raul Brandão, que fala daquele oficial nas *Memórias* em termos de perfeita coincidência: «Havia lá [na Escola do Exército] cadeiras tremendas, não pelo que valiam, mas pelo terror profícuo que o lente sabia espalhar e que se transmitia de geração em geração. A pior — os *planos cotados* — era ensinada pelo Dias Costa, excelente pessoa, com um aspecto feroz. Ele sabia perfeitamente que os rapazes só se mantêm na disciplina pelo terror. Ai do homem que eles sentissem fraco!, ai daquele que não souber perfeitamente o que ensina!...»

E era este espalhador de «terror profícuo» que Raul Brandão tinha na sua frente! Mas nem sempre a realidade é tão dramática como a aparência dela, sobretudo quando por trás da aparência está encoberta uma «excelente pessoa».

O relato que acabamos de transcrever finaliza em exemplar nobreza moral: «Raul Brandão ficou passado com a surpresa e receoso pelas consequências do incidente. Passou alguns dias amargurados, com cólicas semelhante àquelas de que sempre padecia nas horas próximas dos exames em que somente por meio de calmantes e de assistência dos amigos conseguia dominar um pouco o seu nervosismo. Se o regulamento da Escola permitisse a falta

a exame talvez nunca tivesse terminado o curso, não obstante ser inteligente, estudioso e sabedor. Acompanhei-o com António de Macedo Chaves à presença do mestre a quem se confessou autor dos artigos e pôs ao corrente das circunstâncias em que os tinha escrito. Ao contrário do que esperávamos, o Dias Costa quis nessa ocasião ser gentilíssimo. Acalmou Raul Brandão com boas palavras e um cálice de vinho do Porto, terminando em bem esta sua polémica jornalística.»

As «boas classificações» que, segundo testemunho do mesmo camarada, sempre obteve na Escola devem ter a sua origem não só na «força de vontade», a que o mesmo rende homenagem, contrapondo-se à «sua manifesta falta de vocação e jeito para a vida militar», como também no prestígio que aos olhos daquela gente pouco dada às letras deviam ter o talento literário e a cultura do jovem cadete.

Um outro episódio referido ainda pelo mesmo memorialista parece ser disso prova concludente: «As nossas provas de frequência escolar eram prestadas quase sempre por escrito. Numa delas sobre justiça militar em que se pedia enumeração e classificação de crimes, seus agravantes, atenuantes, sanções a aplicar e outras massadorias, poucos alunos responderam satisfatoriamente. O mestre, ao criticar tal prova, frisou que entre os poucos que melhor ladearam o assunto, se destacava um. Esse, nada de concreto tinha escrito sobre o que se pretendia, mas fizera uma bela dissertação a que não tinha escapado a evocação da ‘doce figura do belo Raby da Galileia’, que o havia surpreendido, sobretudo pela forma literária que apresentou. Referia-se ao Sr. Raul Brandão, a quem ia dar uma boa nota e felicitava pelos conhecimentos gerais apresentados.»²

Em Outubro de 1893 termina o curso da Escola do Exército, ao que se segue o estágio regulamentar de dez meses na Escola Prática de Infantaria, em Mafra³.

Desta época data a primeira experiência teatral de Raul Brandão, sob a forma de revista, que os seus colegas de curso o encarregaram de escrever e onde se punham em cena os acontecimentos mais pitorescos referentes ao período do estágio.

Segundo depoimento de um dos seus camaradas, no *Arraial* — assim se chamava a revista — havia «graça e espírito inofensivo» e «carapuças bem observadas e talhadas para todos e para ele próprio».

O Regimento de Infantaria 6, no Porto, é a primeira estação de caserna da sua carreira militar. Em conformidade com o regula-

mento, é o jovem cadete obrigado à prestação de provas práticas. Arredado destas o coeficiente correctivo do talento literário que lhe granjeara na Escola posição meritória, as classificações que consegue são bem o espelho fiel do cidadão pacífico que Raul Brandão há-de ser toda a sua vida: «Tiro — Atirador de 2.^a classe; Ginástica — Medíocre; Esgrima — Medíocre.»

Mas, por agora, pouco tempo se demorará no Porto. Requer a sua transferência para Lisboa, onde é colocado na Secção de Transportes e na Biblioteca do Ministério da Guerra — situação mais de acordo com o seu veemente desejo de entrar em contacto com a vida e de conhecer melhor os homens e o mundo, de enriquecer a sua experiência. O jornalismo continua a tentá-lo: não só pelo que essa actividade importa de contacto directo com os mais diversos meios, como pelo cabedal vário e rico que viria a aproveitar em futuras obras. É desta época a sua colaboração para o *Correio da Manhã*, de Lisboa, dirigido por Pinheiro Chagas, e para a *Revista de Hoje*, que começa a publicar-se no Porto, dirigida por ele próprio e por Júlio Brandão, em 15 de Dezembro de 1894. É aí que aparecem vários trechos da *História dum Palhaço*, terminado em 1895 e editado no ano seguinte.

Se esta estada em Lisboa, que se prolongou cerca de ano e meio, é de grande importância na sua carreira literária, não o é menos o período que se vai seguir.

ÍNDICE GERAL

I

ITINERÁRIO DE UMA VIDA

1 — «Há que Tempos!»	11
2 — Aprendiz de nefelibata	17
3 — «Vida Militar»	21
4 — O alferes do «20» e o seu noivado	27
5 — «Esta Foz Adormecida e Doirada»	33
6 — A Casa do Alto — «Uma das maiores altitudes da europa contemporânea»	39
7 — «Trabalhei sempre nos jornais»	53
8 — O périplo do Chiado	61
9 — Viagens	77
10 — O fim	85

II

TRÊS OBRAS MARGINAIS

1 — «Impressões e Paisagens»	93
2 — «Vida de Santos»	105
3 — «Os Nefelibatas»	109

III

UM HOMEM EM LUTA COM UM FANTASMA

1 — «História dum Palhaço» — uma obra de transição	127
2 — «Os Pobres» — uma metafísica da dor	163
3 — «A Farsa» — uma fenomenologia do ódio	203
4 — «Húmus» — frente a frente ao Absurdo	243
5 — «O Pobre de Pedir» — o caminho do fim	285

IV

UMA DIFERENTE DIMENSÃO DO HUMANO — A HISTÓRIA

1 — Uma teoria metafísica da história	317
2 — «El-Rei Junot»	329
3 — «A Conspiração de 1817 — Gomes Freire»	353
4 — «Memórias»	361

V

A DRAMATIZAÇÃO DE UMA PROBLEMÁTICA — O TEATRO

1 — Antestreia	383
2 — «O Gebo e a Sombra»	391
3 — «O Doido e a Morte»	399
4 — «O Rei Imaginário»	407
5 — «O Avejão»	411
6 — «Eu Sou um Homem de Bem»	413
7 — «Jesus Cristo em Lisboa»	417

VI

«A PAISAGEM E A LUZ»

1 — «Os Pescadores»	429
2 — «As Ilhas Desconhecidas»	453
3 — «Portugal Pequeno»	467
NOTAS	475
Tábua cronológica da vida e obra de Raul Brandão	497
Obras de Raul Brandão	503
Obras sobre ou com referências a Raul Brandão	507
Revistas e jornais com artigos sobre Raul Brandão	511
Principais jornais e revistas em que Raul Brandão colaborou	521
<i>Índice de nomes citados</i>	529

Guilherme de Castilho

VIDA E OBRA DE RAUL BRANDÃO



temas portugueses